

SAÚDE

Um hospital para quem venceu a doença

12.04.2020 às 19h53



Pavilhão está quase pronto para receber os primeiros doentes

Com capacidade para **350 infetados em fase final de recuperação**, o hospital de campanha do Estádio Universitário de Lisboa será o maior do país

TEXTO CHRISTIANA MARTINS FOTOS TIAGO MIRANDA

No fim do liceu, Margarida Lucas decidiu trocar os planos de ser engenheira química pela Medicina. Depois de uma carreira de 42 anos, sempre no Serviço Nacional de Saúde, quando pensou que chegara a altura de reformar-se e aprender a pintar, surgiu a pandemia de covid-19. Menos de dois meses depois de ter saído do ativo e antes mesmo do primeiro caso confirmado em Portugal, já a médica decidira voltar ao terreno. Acabou por receber uma missão de peso: participar na montagem do maior hospital de campanha de Portugal, do outro lado da rua do Hospital de Santa Maria, em Lisboa, onde fez toda a sua carreira.

O recurso aos hospitais de campanha recebeu um grande impulso neste surto pandémico com a construção em apenas nove dias do Florence Nightingale num centro de congressos londrino, que esta segunda-feira recebeu os primeiros doentes. Com capacidade para mais de quatro mil infetados, será o maior hospital britânico e o maior serviço de cuidados intensivos do mundo.

Em Lisboa, o hospital de campanha do Estádio Universitário não será vocacionado para os casos agudos, mas para quem já passou o pior e está quase a vencer a doença. Ali ficarão internados os infetados em fase final de tratamento da covid-19, à espera de fazer os testes para confirmar a cura. Com espaços separados para homens e mulheres, esta unidade surge para libertar camas em três grandes hospitais da capital: o Santa Maria, o São José e o São Francisco Xavier.



Aos 67 anos, Margarida Lucas, já reformada, voltou ao ativo para ajudar a montar o maior hospital de campanha do país, onde foi fotografada esta semana

As portas só abrirão aos doentes quando todas as condições estiverem garantidas, o que está previsto para a terceira semana deste mês. Com capacidade para até 350 camas, resulta de uma iniciativa da Câmara Municipal, da Universidade de Lisboa e das Forças Armadas. Chegaram a pensar em chegar aos 500 doentes, mas alguns teriam de ficar em catres e “considerou-se que seria demasiado desconfortável”. Assim, a decisão foi “diminuir a capacidade e aumentar o conforto e o espaço entre as pessoas”, explica a médica.

O trabalho de preparação é imenso porque, explica, “não basta ter o hospital de campanha montado e ter camas, é preciso recrutar o pessoal, o que não é fácil”. Essa é mesmo a preocupação atual da comissão instaladora. Os turnos serão de oito horas, que poderão chegar a 12, e por cada turno e cada um dos quatro pavilhões, cuja abertura será gradual, serão necessários dois a três médicos, cinco enfermeiros e dez assistentes operacionais.

Os equipamentos de proteção individual estão assegurados, assim como o sistema informático e a higienização dos espaços. Os fluxos de circulação dos doentes estão determinados. “Está tudo em muito bom andamento”, garante Margarida Lucas, que

confessa nunca antes ter visto um hospital de campanha. O apetrechamento foi feito com recurso às três entidades envolvidas, mas também a doações.

Com uma grande experiência de reorganização de serviços hospitalares — reformou o funcionamento das Urgências e foi diretora clínica do Hospital de Santa Maria —, Margarida Lucas confessa que nada se compara a esta experiência, que lhe surgiu aos 67 anos, de participar na instalação do maior hospital de campanha do país.

REFORMADOS DE REGRESSO

Margarida Lucas é uma dos cerca de 50 médicos reformados que no último mês voltaram a trabalhar no SNS. Segundo a Administração Central do Sistema de Saúde, a maior parte destes profissionais vem da especialidade de Medicina Interna, sendo impossível quantificar os que aceitaram voltar em regime de voluntariado.

Para Margarida Lucas, a decisão de voltar foi rápida. “Ainda em fevereiro era previsível que a situação viesse a agravar-se, como se verificou, e pensei que poderia colocar a minha experiência e conhecimentos ao serviço do SNS, para aliviar o trabalho de outros colegas”, conta. “Foi um impulso muito natural para quem vai para Medicina e tem sentido de missão. Percebi logo que teria de colaborar de alguma forma e se não podia estar no atendimento porque faço parte de um grupo de risco, tinha de encontrar uma maneira de ajudar. Na última semana de março, surgiu esta ideia e aceitei”, explica.

A unidade foi criada para libertar camas nos maiores hospitais de Lisboa e deverá receber os primeiros doentes na próxima semana

A médica confessa que a sua maior preocupação neste momento é o estado de saúde dos profissionais que se encontram na linha da frente. “Não há um dia que não pense neles”, diz. Margarida Lucas não se esquece da experiência adquirida com a gripe A, com a legionella e mesmo com os preparativos para o surgimento de casos de ébola, que não chegaram a afetar Portugal. Mas garante que a covid-19 apresenta um grau de infecciosidade que nunca antes tinha visto.

“É sempre muito complicado lidar com uma situação como a atual. Somos humanos e temos medo, mas em Medicina aprendemos a controlar estes receios para podermos desempenhar as nossas funções”, explica. Reconhece que “esta é uma situação de grande desconforto”, mas diz que faz parte da missão de quem decide abraçar a carreira.

Ao Expresso, o Ministério da Saúde não consegue quantificar o total de hospitais de campanha que já existem porque explica que “são iniciativas regionais, cuja ativação depende da respetiva Administração de Saúde”. Um dos maiores será localizado no Pavilhão Rosa Mota, no Porto, com capacidade para 300 camas. A tutela avança ainda que “neste momento, não se verifica, ainda, necessidade de ativação destas estruturas”.

No caso de haver, Margarida Lucas já terá ajudado a cumprir a missão de colocar de pé a maior unidade alternativa do país.